



APRESENTAÇÃO

Palavras iniciais das organizadoras do volume

Homenagear uma pessoa é dizer o quanto somos gratos pelo que ela é, pelo que ela faz, ou por tudo isso. Homenageamos Dinah porque, para todos nós, ela sempre teve uma importância particular e todos tivemos a oportunidade de revelar isso da melhor forma: com estudos que retratam as diversas faces do português.

Uma das organizadoras, Carolina Serra, entretanto, tendo a tarefa de participar da apresentação deste belíssimo volume, não pode deixar de mencionar os quase 20 anos em que vem trabalhando com Dinah (literalmente) lado a lado, e pode dizer que nunca faltaram companheirismo, generosidade, partilha intelectual (e não só) e afeto. O privilégio de conviver com Dinah numa relação de trabalho e de amizade tão profunda e de confiança tão ampla a fazem pensar o quanto um mestre pode ensinar a um aluno. Na Universidade, e em qualquer lugar, na verdade, temos todos os tipos de exemplos a seguir: Dinah é dos melhores exemplos que se pode ter.

A segunda organizadora, Eugênia Duarte, que veio a conhecê-la já como docente da Faculdade de Letras, teve nela uma incentivadora, desde o início, a se envolver em projetos diversos e a divulgar nossas pesquisas em congressos e publicações. A figura da estrategista, sempre pronta a dizer sim à Faculdade de Letras, cumprindo seu papel no sentido de abrir caminho para seus orientandos e colegas, jamais será esquecida.

Somos muito gratas a Dinah pelo legado que nos tem deixado. Esperamos continuar, lado a lado, por muito tempo.





Apresentação do volume

Neste Número Especial, a “Diadorim – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas” presta uma justa homenagem à Professora Emérita Dinah Callou, que por 52 anos se dedicou ao ensino de graduação e pós-graduação, além de exercer diversas atividades administrativas e de representação. Sua aposentadoria, ocorrida há exatos dez anos, não a afastou da Faculdade de Letras da UFRJ. Sua participação na Pós-Graduação, ministrando cursos e orientando alunos, e em projetos de pesquisa continua com a mesma qualidade e o mesmo entusiasmo, para nossa grande alegria.

Sua atuação, sempre muito firme na defesa do comprometimento com a Universidade, com o cumprimento rigoroso dos deveres de um funcionário público, com a ética na pesquisa e sua visão de estrategista, abrindo caminhos a quantos com ela conviveram e convivem são exemplos que nunca poderão ser esquecidos.

Os 28 textos que compõem este Número Especial são reveladores dos laços que Dinah estabeleceu, exatamente cumprindo seu dever: aqui estão artigos de colegas de outras instituições, que a conheceram de maneiras as mais diversas – seja em projetos de cooperação, seja em atividades de representação – além de colegas que têm a sorte de atuar na Faculdade de Letras ao seu lado, muitos dos quais seus orientandos. Finalmente, este número conta ainda com a participação de alguns de seus orientandos espalhados por diversas instituições no Brasil e no exterior, que continuam a manter laços estreitos com a orientadora.

Os artigos cobrem as áreas a que Dinah tem se dedicado desde sua formação na Universidade Federal da Bahia, onde começou sua atividade docente, antes de ir para a UnB e, em seguida, vir para a UFRJ: a História da Língua Portuguesa, com seus aspectos sociais e estruturais, os estudos em Dialetoлогия e Sociolinguística Variacionista, passando especialmente pela fonologia segmental e suprasegmental, e pela morfossintaxe e ensino. Juntos, estes artigos

constituem efetivamente uma grande contribuição para essas áreas.

Abrimos o número com um poema de Kate Lúcia Portela, orientada por Dinah, que se tornou escritora e contadora de histórias. Seguem três artigos dedicados à socio-história do Português. Carlos Alberto Faraco discute a história socioeconômica e linguística da sociedade brasileira, analisando os efeitos sociolinguísticos da formação mercantilista escravocrata, própria do período colonial; do capitalismo industrial e do capitalismo tardio. O texto se fundamenta numa ampla revisão bibliográfica e mostra que a sociedade brasileira do século XXI alberga, conflituosamente, os efeitos socioeconômicos e linguísticos da formação colonial, do desenvolvimento precário do capitalismo industrial e dos desafios trazidos pelo capitalismo tardio. Emílio Pagotto, numa trilha semelhante, defende a hipótese de que a economia de mercado interno e, em especial, a de subsistência constituem o *locus* no qual se desenvolvem os processos linguageiros primordiais para a formação do português brasileiro. Tal hipótese implica a adoção de um modelo de interferência pelo contato linguístico de longa duração, ao contrário do que pressupõem os modelos explicativos baseados na ruptura e regeneração, para dar conta do papel que o contato com línguas indígenas e africanas tiveram na formação do português do Brasil. Ainda com os olhos voltados para aspectos sociais e os contatos, Tania Lobo defende a relevância de conjugar três teorias – a Teoria da Mudança, a Teoria da Aquisição e a Teoria do Contato – na abordagem histórico-diacrônica do português brasileiro. Para a autora, é um equívoco abordar a questão do contato linguístico como um tema de “história externa”: ao contrário, o contato é aspecto central na formação do chamado português “popular” brasileiro. O texto estabelece um contraste com o multilinguismo indígena e africano no passado e demonstra, em relação aos africanos, não só a predominância banta mas também os fortes indícios de que o quimbundo teria sido uma língua geral no Brasil colonial, com base em outras evidências.

Com o olhar voltado para fatos linguísticos e/ou sociais, temos as contribuições de Juanito Avelar, de Sílvia Cavalcante, de Valéria Monaretto e Paulo Ricardo Borges, e, finalmente, de Célia Lopes e Márcia Rumeu. O artigo de Avelar correlaciona a emergência de *ter* como o verbo existencial canônico do português brasileiro a mudanças relativas ao parâmetro *pro-drop* e ao licenciamento de constituintes locativos em posição de sujeito, com base em dados dos séculos XIX e XX. Assim, o estatuto existencial de *ter* no português brasileiro deriva de restrições à interpretação de sujeitos nulos referenciais e a um processo de reanálise desencadeado pela presença de termos locativos em posição pré-verbal. O novo estatuto *pro-drop* do português brasileiro levaria naturalmente à tendência à supressão de *haver*, verbo que não dispõe de uma posição licenciadora de sujeito. Cavalcante apresenta uma análise da mudança na posição do sujeito em cartas pessoais escritas por brasileiros nascidos entre o início do século XIX e meados do século XX, mostrando sua relação com o status informacional, a transitividade verbal e a

mudança na marcação do parâmetro *pro-drop* e apontando as gramáticas subjacentes reveladas pelos dados. Monaretto e Borges apresentam uma proposta de análise para o desenvolvimento de uma história social e linguística do Rio Grande do Sul, a partir de textos de teatro, jornais, relatos de viagens, entre outros, com o objetivo de compreender melhor as motivações e a maneira como ocorreram os processos de variação e mudança que representam um *continuum* sócio-histórico característico dos diferentes dialetos gaúchos. Lopes e Rumeu, ao defender a importância de atentar para as informações relacionadas aos perfis socioculturais de redatores de *corpora* diacrônicos, apresentam procedimentos metodológicos que consistem no uso da ferramenta computacional de edição (Programa *E-dictor*), que permite identificar traços dos graus de letramento de missivistas socialmente desconhecidos. Com base nessa proposta de análise-piloto de traços gráficos e grafo-fonéticos em manuscritos históricos, as autoras identificam informantes dotados de baixo grau de letramento, considerando as sistemáticas evidências de hipossegmentações e hiperssegmentações não só em contextos de formas presas, mas também em ambiências de fronteiras silábicas.

Dois artigos que podem se inserir em história e ensino são os que nos oferecem Luiz Palladino Netto, e Afrânio Barbosa e José Carlos de Azeredo. Recuando no tempo, temos a contribuição de Palladino Netto, dedicada à historiografia do português setecentista. O autor focaliza a querela em torno da autoria da *Arte da Grammatica*, de 1770, atribuída a Antônio José dos Reis Lobato. A problemática interna da abordagem discute a possibilidade de “Lobato” ser um pseudônimo do P^e. Antônio Pereira Figueiredo, voz intelectual do ideólogo do regime de então, o Marquês de Pombal. Do ponto de vista externo, o artigo aborda o contexto histórico-social da segunda metade do século XVIII em Portugal, a fim de dimensionar seu impacto sobre a publicação/circulação da *Arte da Grammatica*. O artigo de Barbosa e Azeredo discute questões e critérios em torno da formação de *corpora* gramaticais escolares para o estudo da normatização no ensino de língua portuguesa no Brasil na primeira metade do século XX. Considerações metodológicas sobre a pesquisa de campo em arquivos históricos para a identificação de obras dessa natureza bem como a ampla sistematização de títulos de obras gramaticais assumidas no programa do Colégio Pedro II de 1856-1929 e de nomes de professores de língua portuguesa no Colégio Militar do Rio de Janeiro são apresentadas.

Fazendo a ligação entre passado e presente, temos dois artigos cujo tema são as formas de tratamento, encerrando esta preciosa contribuição na área de História Linguística e Social da Língua Portuguesa. O primeiro, de autoria de Sônia Salomão, mostra a importância do conhecimento histórico da língua e a tradução. A autora defende seu objetivo, tomando como exemplo alguns casos de alocação, principalmente em variação diacrônica, como as variantes em relação ao quadro pronominal da segunda pessoa, no que foi chamado de “mistura de tratamento” entre

o *você* e o *tu*, além de outros usos típicos dos pronomes de tratamento do século XIX. Os textos estudados são de Machado de Assis: *Quincas Borba*, romance de 1891, e *Teoria do Medalhão*, conto de 1882. O tema “formas de tratamento” retorna – desta vez no presente - no artigo de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Amália Mendes e Maria Eugênia Lammoglia Duarte, que comparam as formas de tratamento usadas no português europeu (PE) e brasileiro (PB), mostrando que naquela variedade o sistema é bem mais complexo do que nesta: enquanto no PE se observa uma distribuição complementar entre *tu* e *você* segundo o tipo de relação entre os interlocutores, além de haver uma variedade maior de outras formas nominais, tanto para o tratamento entre íntimos quanto para o que indica distância, no PB, os dois pronomes não se encontram em distribuição complementar. O uso de *você* é atestado numa grande área central do país, enquanto em outras regiões *tu* e *você* convivem, com o predomínio de uma ou outra forma, que, em geral, são usadas como variantes.

Passamos agora às contribuições em fonologia suprasegmental e segmental. O artigo de Luma Miranda e João Antônio de Moraes apresenta os resultados de um estudo perceptivo sobre a entoação de sentenças imperativas no português brasileiro produzidas com os seguintes valores pragmáticos: ordem, desafio, pedido e sugestão. Por meio do uso do software Praat, contornos melódicos ressaltados foram criados para, posteriormente, um grupo de 20 juízes julgarem a sua aceitabilidade em um teste de percepção, que indicou a relevância perceptiva de características fonéticas dos movimentos melódicos que atuam na identificação do valor funcional dos contornos entonacionais manipulados. Cláudia de Souza Cunha empreende análise dos padrões prosódicos de enunciados interrogativos totais, enunciados assertivos e enunciados imperativos, com base em amostras do Atlas Linguístico do Brasil. Os resultados apontam, entre outros aspectos, a existência de algumas áreas cujo comportamento prosódico tende a ser coincidente, como uma faixa ao Nordeste do país, marcada pela presença de um contorno $H^*_H+L^*L\%$ nos enunciados assertivos, em que se percebe uma proeminência do acento prenuclear, e de um contorno $L+H^*_L+H^*H\%$ nas interrogativas totais neutras, em que o acento nuclear, ao contrário do que se revela como padrão no país, termina com um tom alto.

A amostra ALiB está presente nos três estudos de variação e mudança que seguem. Josane de Oliveira, Jacyra Motta e a saudosa Suzana Cardoso homenageiam Dinah com uma apresentação desse importante projeto, hoje realidade, em um estudo sobre a variação na realização de /t/ e /d/ em 250 localidades gravadas pelo projeto ALiB. Os resultados mostram que a realização dento-alveolar ou palatalizada desses fonemas é condicionada geograficamente, além da atuação de outras variáveis estruturais e sociais. Ainda utilizando a amostra ALiB, temos dois estudos sobre a realização dos róticos em coda silábica final: um deles com base na fala de três capitais e de cidades do interior do Sul do Brasil e o outro sobre a fala de João Pessoa e Teresi-

na, no Nordeste. No primeiro, Ingrid Oliveira, Mayra Santana, Karilene Xavier e Carolina Serra apontam altos percentuais de apagamento do *R* em verbos: Florianópolis com 94%, Curitiba com 87% e Porto Alegre com 86%. Quando realizado foneticamente, há prevalência do tepe nos verbos e não verbos em Curitiba e Porto Alegre; em Florianópolis, sobressai a fricativa velar nesta categoria. Os resultados gerais obtidos no interior, por outro lado, apontam 1) altos índices de apagamento em verbos, em todos os municípios – Santa Maria (95%), Caçapava do Sul (89%), Criciúma (97%), Lages (87%), Campo Mourão (90%) e Guarapuava (94%); 2) em contraste com baixa frequência em não verbos – 16%, 8%, 22%, 6%, 3% e 11%, respectivamente; e 3) a aproximante retroflexa e o tepe como as realizações fonéticas mais frequentes em verbos e não verbos. Para o Nordeste do Brasil, Aline Farias Oliveira, Vitor Caldas e Carolina Serra confirmam, mais uma vez, que a classe morfológica é fator determinante para o processo de apagamento, com maior índice de queda do *R* em verbos do que em não verbos. A dimensão do vocábulo também se mostrou relevante na atuação do fenômeno: vocábulos mais extensos tendem a não reter o segmento e monossílabos apresentam os maiores índices de preservação do rótico, por conta da sua maior saliência em vocábulos menores. Os resultados referentes à coda medial apresentaram diferenças marcantes em comparação com a coda final, particularmente porque os índices de cancelamento do rótico são muito menores e não há influência da classe morfológica ou da dimensão do vocábulo. Ainda sobre os róticos, tema que é tão caro à nossa homenagem, Sílvia Figueiredo Brandão apresenta os resultados da investigação sobre seu apagamento em coda silábica, no português de São Tomé e Príncipe (PST) e no português de Moçambique (PM), controlando, além de variáveis estruturais e as usuais variáveis sociais, como gênero, faixa etária e escolaridade, outras variáveis como a frequência de uso de um crioulo (em relação ao PST), o status do Português (como L1 ou L2) e as outras línguas faladas pelo informante (em relação ao PM). Os resultados das análises demonstram que a queda do *R* no PST é mais frequente do que no PM e que as variáveis sociais se mostraram muito salientes para a definição desse quadro. Fechamos a seção de artigos voltados para a variação e mudança fonético-fonológica com o trabalho de Caio Cesar Castro da Silva, que verifica se a redução dos ditongos nasais em sílaba átona final é um processo característico da fala de indivíduos menos escolarizados na fala fluminense. Para tanto, o autor compara os dados recolhidos em um *corpus* da variedade fluminense, constituído de falantes com nível fundamental de instrução, com a fala de indivíduos com ensino superior completo. Os resultados apontam que esse é um fenômeno pouco difundido na fala fluminense, mas presente tanto nas variedades de indivíduos menos escolarizados, quanto na dos mais escolarizados.

Os estudos de variação e mudança no nível morfossintático recebem quatro valiosas contribuições. Iniciamos com o artigo de Marta Scherre, Anthony Naro e Lilian Yacovenco, que, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, analisam três construções com a primeira

pessoa plural: padrão antigo - *nós* com *-mos* (*nós moramos*); não padrão - *nós* sem *-mos* (*nós mora*); padrão emergente - *a gente* sem *-mos* (*a gente morou/a gente mora*). Os dados analisados provêm de quatro amostras do português brasileiro - Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuiabana-MT, Goiás e Vitória-ES - e foram analisados em oposições binárias e ternárias, por programas estatísticos da série Varbrul. Os resultados indicam que a restrição mais importante é o grau de facilidade da percepção da diferença entre formas com e sem o morfema *-mos*, conhecida como saliência fônica: quanto maior a saliência fônica, maior a possibilidade de usar a forma com *-mos*. Como parte de um fluxo de padronização, a construção nominal *a gente*, do substantivo latino singular *gens gentis* ‘tribo’, é inserida no sistema pronominal como primeira pessoa do plural, o que cria um padrão emergente, *a gente* sem *-mos*. Estas questões levaram os autores a (1) propor uma hierarquia da saliência levemente modificada, denominada de hierarquia da proeminência, (2) discutir análises binárias e ternárias e (3) concluir que processos diacrônicos de séculos passados emergem da análise sincrônica de dados hoje disponíveis. O artigo de Dante Lucchesi e Jurgen Souza analisa o efeito do contato entre línguas na realização dos pronomes reflexivos na fala de comunidades rurais formadas predominantemente por descendentes diretos de africanos trazidos para o Brasil como escravos. Os autores defendem que o processo de nativização da variedade de segunda língua falada por milhões de africanos escravizados e índios aculturados não teve a intensidade dos processos típicos de criouliização, mas desencadeou mudanças no sentido da simplificação morfológica que caracteriza o português popular em oposição ao português da elite letrada brasileira, atualmente. Desse processo resultou uma redução no uso dos pronomes reflexivos na constituição histórica da variedade de português analisada, o português afro-brasileiro, que, em princípio, deve exibir os efeitos mais notáveis do contato entre línguas, entre as variedades atuais do português no Brasil. A verificação empírica dessa hipótese foi feita com base em uma análise sociolinguística da fala vernácula de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia na atualidade. A análise em tempo aparente das variáveis sociais apontou para uma mudança em progresso no sentido do aumento do uso dos pronomes reflexivos nas comunidades estudadas. Essa mudança se enquadra no nivelamento linguístico previsto na visão da polarização sociolinguística do Brasil, no qual os modelos urbanos de prestígio são difundidos para todos os estratos sociais em todas as regiões do país. Esses resultados confirmaram a hipótese inicial, com base na interpretação de que a redução no uso dos pronomes reflexivos provocada pelo contato entre línguas no passado estaria sendo revertida agora por influências externas às comunidades de fala analisadas. Seguimos esta seção com a análise de Christina Abreu Gomes, Thiago Amaral e Lídia Prado, que trata da expressão do plural em nominais no PB em palavras terminadas em ditongo oral decrescente, como em *chap*[εʊs] ~ *chap*[εɪs] e *pap*[εɪs] ~ *pap*[εʊs], observando o indivíduo, a escolaridade e o papel do léxico. O estudo adota as hipóteses da variação como representações baseadas em “exemplares”. Especificamente, adota a hipótese de que diferentes experiências

com a língua podem levar a diferentes inferências de padrões no léxico. Os resultados obtidos através de dois testes de produção elicitada de formas de plural, um contendo pseudopalavras e outro com palavras do PB de baixa frequência de ocorrência, aplicados a 55 indivíduos distribuídos em dois níveis de escolaridade, mostraram a alternância entre as duas formas nos dois testes, com predominância do plural *-is* no teste de palavras do PB, resultado semelhante aos de outros estudos. Isso evidencia a importância da alta frequência desse tipo de plural na língua para as palavras terminadas em ditongo oral decrescente. Os resultados também mostraram uma grande variabilidade entre os indivíduos, indicando que, embora o mecanismo cognitivo de inferência e atribuição de padrões seja o mesmo para todos os falantes, a base para a inferência e para a constituição do léxico pode ser diferente entre os falantes. Finalmente, temos o artigo de Elaine Marques Thomé Viegas, que mostra os resultados de uma análise da ocorrência de um advérbio locativo à esquerda do Sintagma Preposicionado locativo (*aqui em casa*), num estudo em tempo real de curta duração, com base em amostras de fala culta da cidade do Rio de Janeiro (NURC), nas décadas de 1970 e de 1990. Seus resultados apontam que a preposição *em* e um SP locativo [+definido], entre os quais estão os topônimos, favorecem o uso do advérbio. Os estudos de tendência e de painel revelam que a comunidade pode ser considerada instável e o indivíduo estável, admitindo a hipótese de uma mudança geracional. A autora recolhe dados de fala da cidade de Lisboa, e, mesmo sem amostras comparáveis para ambos os estudos, os resultados percentuais indicam que o fenômeno é igualmente atestado na língua oral.

Voltando-nos para a variação e mudança em sintaxe, sob diversas perspectivas teóricas, temos cinco artigos que finalizam este número especial. Num desses artigos, Violeta Virgínia Rodrigues faz um percurso de seus estudos sobre os conectores que introduzem as estruturas hipotáticas - comparativas, condicionais, concessivas, modais, consecutivas, finais – que tiveram como motivação inicial sua participação no projeto NURC como aluna de Iniciação Científica da homenageada. A autora conclui que as inovações de uso constituem, na verdade, empregos de conectores já existentes na língua e que estão se comportando de forma diferente no cotexto e contexto em que se manifestam, ratificando a influência da gramaticalização na formação e explicação/compreensão do quadro dos conectores do Português e sua polifuncionalidade. Questões envolvendo a retomada de um tópico discursivo ou marcado aparecem em três análises. A análise de Cecília Mollica, Daillane Avelar e Hadinei Batista aborda o efeito do letramento e da tecnologia na mudança linguística, em um estudo das anáforas pronominais em construções relativas em diferentes funções sintáticas. O material analisado é extraído das entrevistas do PEUL, da mídia televisiva e de produções textuais de escolares. Os resultados apontam para a tendência de a cópia do relativo ser prevalente na função de sujeito com valor de tópico como estratégia de focalização e confirmam a trajetória das relativas cortadoras no PB. Testes com ferramenta tecnológica não comprovam a percepção dos falantes em relação às

construções, embora haja algum impacto do letramento formal, que concorre para empregos de construções e de estilos monitorados, retraindo a mudança no sentido contrário ao curso natural que vem tomando no português do Brasil. Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva e Eliaine Belford Gomes apresentam resultados recentes sobre a investigação da estrutura [SN + Pronome Anafórico + Verbo], no Português Brasileiro, como se verifica em: “*Esse material teórico ele* vai subsidiar também as discussões...”, na qual um pronome anafórico (ele) aparece, retomando o SN (esse material teórico). A pesquisa investigou a modalidade oral, através da análise de um *corpus* produzido em situações reais de uso e constituído por vídeos do site “www.youtube.com”, a partir do ano de 2010. Recorrendo a princípios da Linguística Funcional e da Sociolinguística Variacionista, foi investigada a ocorrência dessa estrutura em três gêneros discursivo-textuais: sermões religiosos, entrevistas televisivas e aulas expositivas. Foram apontados como favorecedores da retomada pronominal a presença de material interveniente entre SN e Verbo, a mudança de função sintática e o traço de animacidade. Além da análise desses contextos linguísticos, foi feita, também, uma breve comparação de aspectos prosódicos das formas variantes, em que se verificou a presença de movimentos melódicos que permitem diferenciar uma estrutura da outra. Algumas comparações com o trabalho de Dinah Callou *et alii*, que foi pioneiro na análise prosódica da estrutura em análise, são apresentadas. Mônica Tavares Orsini, Carolina da Silva Alves e Carolina Gil da Silva investigam a construção de tópico, particularmente usada na escrita, introduzida por uma locução prepositiva (*quanto a*, por exemplo), a que as autoras se referem como “tópico pendente”, e sua retomada na função de sujeito da sentença-comentário. Seu objetivo é verificar a expressão do sujeito pronominal – nulo ou expresso, na escrita “cultura” de jornais, sob a hipótese de que a escrita revelaria a tendência verificada na fala: realizar o sujeito pronominal. Embora o número de dados obtidos seja pequeno, dada a baixa frequência de uso das estruturas, os resultados apontam que, na escrita culta brasileira, o sujeito preenchido, nessa estratégia de tópico marcado, é preferencialmente um pronome nominativo de terceira pessoa, que se encontra adjacente ao tópico, do ponto de vista sintático, e reúne os traços semânticos de [- animado] e [+ específico]. Conclui este número o artigo de Mary Aizawa Kato e Maria Eugênia Lammoglia Duarte, que aborda um tema que perpassou alguns dos artigos aqui apresentados – o de Avelar, o de Cavalcante, e os de Mollica *et alii*, Paredes Silva e Gomes, e Orsini *et alii*: os efeitos da mudança na remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo. As autoras analisam justamente as mudanças ocorridas no português brasileiro (PB) em relação à possibilidade de sujeitos nulos e propõem, à luz de evidências empíricas, que a atual distribuição de sujeitos nulos e expressos é definida nas interfaces: no nível da Forma Lógica, uma restrição “Evite pronomes não referenciais” explicaria o não desenvolvimento de um expletivo lexical, enquanto, na Forma Fonológica, haveria uma restrição do tipo “Evite V1”, considerando que as línguas têm filtros em relação ao ritmo. Tal restrição nada tem a ver com a presença de um constituinte XP (uma projeção máxima) no especificador de CP, como nas

línguas V2, mas com um requisito fonético. Isso significa dizer que o elemento inicial pode ser um núcleo (como a negação, um advérbio leve) ou um XP (um SP, um SAdv, por exemplo) ou ainda um elemento discursivo.

Finalizada a apresentação deste volume, passamos aos agradecimentos àqueles que estiveram tão presentes nesta empreitada.

Agradecemos aos autores, que prontamente aceitaram nosso convite nessa homenagem. É uma honra ter aqui vários dos mais representativos nomes nos estudos linguísticos no Brasil e além-mar. Nossos agradecimentos à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, representada pelo Professor Dau Bastos. Agradecemos ainda, de modo muito especial, à chefe de revisores da Diadorim, Professora Ana Paula Belchor e aos colegas que nos auxiliaram na revisão final dos artigos: Aline Ponciano dos Santos Silvestre, Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado, Dennis Castanheira, Eduardo Patrick Rezende dos Reis, Izabella Domingues Machado, Luan de Sousa Guimarães, Monique Débora Alves de Oliveira Lima e Thiago Laurentino de Oliveira. Finalmente, nossos agradecimentos ao pessoal da área técnica, em especial, a Rafael Laplace de Andrade e Gustavo Gusmão, responsáveis pela diagramação da revista.

Desejamos a todos uma boa leitura.

As organizadoras

Carolina Serra e Eugênia Duarte